Autoconceito, rendimento acadêmico e escolha do lugar de sentar entre alunos de nível sócio-econômico médio e baixo*

ILMA VIEIRA SILVA**
EUNICE M. L. SORIANO DE ALENCAR***

1. Introdução; 2. Sujeitos; 3. Instrumentos e procedimentos; 4. Resultados; 5. Discussão; 6. Implicações educacionais.

No presente estudo foram investigadas as relações existentes entre o autoconceito do aluno, de um lado, e, de outro lado, rendimento acadêmico, escolha do lugar de sentar em sala de aula e avaliação do autoconceito do aluno pelo professor. A amostra foi constituída por 500 sujeitos de 4.ª série do 1.º grau. Informações sobre o autoconceito do aluno foram obtidas através do uso de uma escala. A avaliação do autoconceito do aluno pelo professor foi feita através de uma folha contendo instruções para que o professor registrasse sob a coluna 1 os nomes dos alunos com autoconceito positivo, sob a coluna 3 os nomes dos alunos com autoconceito negativo e sob a coluna 2 os demais nomes. Os resultados indicaram uma relação significativa entre autoconceito, rendimento acadêmico e a avaliação do autoconceito do aluno pelo professor. Não foram observadas diferenças significativas entre alunos que freqüentavam escolas localizadas em um setor da cidade habitado predominantemente por famílias de *status* sócio-econômico médio ou em outro setor habitado por famílias de nível sócio-econômico baixo, nem entre alunos do sexo masculino e feminino. As possíveis explanações e implicações dos resultados obtidos são discutidas.

1. Introdução

Dentre as variáveis psicológicas que afetam diretamente o comportamento e o ajustamento do sujeito, salienta-se o seu autoconceito. Este é um dos construtos centrais de várias teorias de personalidade (por exemplo, a teoria de Rogers, de May, de Sullivan, entre outros) que enfatizam ser a concepção que o sujeito tem

* Baseado em dissertação de mestrado defendida pela primeira autora no Departamento de Psicologia, Universidade de Brasília. (Artigo apresentado à Redação em 26.11.82.)
** Professora de Psicologia na Associação de Ensino Unificado do Distrito Federal. (Endereço da autora: SQS 109, Bl. E, ap. 219 — 70372 — Brasília, DF.)
*** Professora no Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília.

de si mesmo um dos determinantes de seu comportamento e desempenho, afetando diretamente o funcionamento efetivo do sujeito.

Na formação do autoconceito, tanto a qualidade das relações pais-filhos, quanto o relacionamento professor-aluno parecem ser fatores importantes. Desta forma, a maneira como os pais expressam o seu afeto para com a criança, o modo como são exercidos o controle e a disciplina, o clima democrático ou autoritário no lar, o uso do elogio ou desaprovação em experiências ou tarefas bem ou mal sucedidas são fatores que contribuem para a formação de um autoconceito positivo ou negativo pela criança.

Da forma similar, o relacionamento professor-aluno é também um dos fatores que influem na formação do autoconceito e no ajustamento do aluno à escola. Há autores (Purkey, 1970) que sugerem inclusive ser a prevenção de um autoconceito negativo por parte do aluno a primeira meta do professor na área de ensino.

Nas últimas décadas, inúmeros aspectos relativos ao autoconceito foram objeto de pesquisa por parte de psicólogos e educadores. Em síntese, foi observada por estes estudiosos uma relação significativa entre autoconceito do sujeito e outras variáveis como sua aparência física, seu relacionamento com colegas e família, comportamento em sala de aula, nível de escolaridade dos pais, QI e rendimento acadêmico (Alencar, 1978, 1979; Bernoud & Cartron, 1975; Dickstein & Posner, 1978; Gilly, 1968). Observou-se também que crianças com um autoconceito positivo são mais perseverantes e mais confiantes em escolher suas atividades de aprendizagem do que crianças com baixo autoconceito (Shiffler, Lynch-Sauer & Nadelman, 1977).

Os dados empíricos obtidos nesta área parecem comprovar as concepções de psicólogos, professores e educadores de que aquilo que os estudantes sentem acerca de si mesmos e de suas habilidades contribuem também para o seu sucesso ou fracasso acadêmico (Gilly, Lacour & Meyer, 1972; Henein, 1978; Medeiros, 1979; Purkey, 1970; White & Yeatts, 1978).

Apesar do grande número de pesquisas a respeito do autoconceito do aluno, pode-se constatar que alguns aspectos continuam ainda praticamente inexplorados. Um destes aspectos diz respeito à extensão em que pessoas significativas, como pais e professores, são capazes de avaliar ou informar a respeito do autoconceito de seus filhos ou alunos e o grau de concordância entre a avaliação feita pelo pai e pelo professor e informações sobre o próprio autoconceito por parte do aluno. De fato, quando o presente estudo foi realizado, revendo a literatura as autoras não encontraram nenhum estudo nesta área.

Um outro aspecto também pouco pesquisado diz respeito às relações entre autoconceito e isolamento físico. A literatura consultada registra apenas um estudo (Dykman & Reis, 1978), realizado com uma amostra de estudantes, com vistas a investigar traços de personalidade, autoconceito e atitudes gerais para com a escola entre alunos que se sentavam na periferia, no meio e na frente em sala de aula. Neste estudo, foi observado que a participação e atividade em sala de aula e o isolamento físico estavam intimamente relacionados com o autoconceito do aluno e a escolha do lugar de sentar em sala de aula. Observou-se também que os alunos com um autoconceito negativo, além de possuírem traços de personalidade de vulnerabilidade e inadequação, mostravam acentuada tendência para se sentar atrás e nos lados da sala, ao passo que os alunos com um autoconceito positivo sentavam-se na frente e participavam mais das atividades em classe.

Salienta-se ainda que a grande maioria dos estudos relativos ao autoconceito foi realizada em outros contextos culturais, podendo-se afirmar que muito pouco se pesquisou no Brasil até o momento nesta área.

Com vistas a ampliar os conhecimentos relativos ao autoconceito, foi o objetivo do presente estudo investigar os seguintes aspectos:

a) a relação entre autoconceito e rendimento acadêmico;

b) a relação entre autoconceito e escolha do lugar de sentar em sala de aula;

c) a relação entre o autoconceito do aluno e a avaliação do professor quanto ao autoconceito deste mesmo aluno.

Além destes aspectos, foram ainda investigadas as possíveis diferenças no autoconceito entre alunos do sexo masculino e feminino que freqüentavam escolas localizadas em um setor de cidade habitado predominantemente por famílias de *status* sócio-econômico médio ou em outro setor habitado por famílias de nível sócio-econômico baixo.

2. **Sujeitos**

A amostra foi constituída por 500 alunos da 4ª série do 1º grau, sendo 240 alunos do sexo masculino e 260 do sexo feminino. Desta amostra, 257 alunos estudavam em escolas localizadas no Plano Piloto de Brasília, Distrito Federal, que é habitado predominantemente por uma população de classe média e 243 residiam na Ceilândia, cidade satélite do Distrito Federal, onde residem famílias com baixo nível de renda. A idade média da amostra era de 11 anos e três meses, variando de nove a 16 anos.

3. **Instrumentos e procedimentos**

Para avaliar o autoconceito do aluno foi utilizada uma escala composta de 18 itens que eram respondidos em uma escala de cinco pontos, incluindo as categorias "sempre", "freqüentemente", "algumas vezes", "raramente" e "nunca". Os seguintes exemplos ilustram alguns itens presentes neste instrumento:[1]

"Eu sinto que posso me sair bem nas tarefas que faço."
"Eu estou satisfeito de ser a pessoa que sou."
"Alguns adultos gostam de mim da maneira como sou."

Para avaliação do autoconceito do aluno pelo professor, foi entregue a este uma folha com algumas informações sobre o autoconceito (definição e características normalmente encontradas entre sujeitos que apresentam um autoconceito positivo ou negativo) e três colunas onde ele deveria inserir o nome dos alunos que em sua opinião teriam um autoconceito positivo (coluna 1), um autoconceito negativo (coluna 3), colocando o nome dos demais alunos na coluna 2.

[1] Maiores informações sobre este instrumento encontram-se em Alencar (1978).

Foram obtidas também informações a respeito do local onde cada aluno sentava em sala de aula e a respeito de seu rendimento acadêmico. Foram os alunos, então, classificados em três grupos, a saber: Grupo *A* — alto rendimento, Grupo *B* — médio rendimento, e Grupo *C* — baixo rendimento.

4. **Resultados**

A tabela 1 apresenta as médias e os desvios-padrão dos escores de autoconceito para cada nível das variáveis independentes. Nesta tabela, observa-se que as médias nos vários níveis de cada variável, exceto na de rendimento acadêmico, parecem muito semelhantes. Esta observação é, na verdade, confirmada pela análise da variância, tendo sido controlados os efeitos da idade. Com referência aos efeitos principais, a variável rendimento acadêmico teve um efeito altamente significativo [$F\ (2\ e\ 464) = 16.484$; $p < 0{,}001$] e a variável nível sócio-econômico manifesta uma tendência de influenciar o autoconceito do aluno [$F\ (1\ e\ 464) = 3.11$; $p < 0{,}078$]. As variáveis sexo e lugar de sentar não demonstraram efeitos significativos sobre o autoconceito. Não foi verificado nenhum efeito de interação entre as variáveis independentes. Observou-se ainda uma correlação significativa ($r = 0{,}18$, $p < 0{,}01$) entre o autoconceito do aluno e a avaliação do autoconceito do aluno pelo professor.

Tabela 1

Média e desvio-padrão do autoconceito por sexo, nível sócio-econômico, lugar de sentar e rendimento acadêmico (N = 500)

	Sexo		Nível sócio-econômico		Local de sentar			Rendimento acadêmico		
	Masculino	Feminino	Médio	Baixo	Frente	Meio	Lados e atrás	*A*	*M*	*B*
Média	3,95	3,98	4,03	3,89	3,99	3,98	3,93	4,35	4,02	3,86
Desvio-padrão	0,40	0,48	0,45	0,43	0,45	0,45	0,41	0,36	0,41	0,44
N	240	260	257	243	124	224	152	33	228	239

5. **Discussão**

Um dos objetivos do presente estudo foi investigar a relação entre o autoconceito do aluno e seu rendimento acadêmico. Os dados evidenciam uma relação significativa entre estas variáveis, tendo sido observado que quanto mais positivo é o autoconceito do aluno, melhor é o seu rendimento acadêmico.

Tais resultados são consistentes com aqueles de outros pesquisadores (Bernoud & Cartron, 1975; Gilly, 1968; Henein, 1978; Reitzes & Mutran, 1980), os quais também constataram uma relação significativa entre autoconceito e rendimento acadêmico. Eles sugerem que as experiências de sucesso e fracasso vividas pela criança no ambiente escolar terão influência no seu autoconceito como aluno e possivelmente no seu comportamento e desempenho. Por sua vez, o autoconceito é importante na determinação de como a criança percebe e reage diante do mundo. Assim, a criança com um autoconceito negativo tende a agir de acordo com sua auto-imagem negativa, aumentando a possibilidade de fracassar nas tarefas escolares, enquanto a criança que desenvolveu um autoconceito positivo tende a agir consistentemente com uma auto-imagem positiva, o que poderá facilitar o desempenho na escola e o conseqüente rendimento acadêmico.

Os alunos bem-sucedidos na sua realização escolar parecem ser mais otimistas e mais autoconfiantes quanto ao seu futuro desempenho. Eles confiam na sua habilidade geral como estudantes, enquanto os alunos com baixo rendimento acadêmico se percebem como menos capazes e menos aceitos pelos outros, apresentando tendências à autodesvalorização e à autocrítica. A autopercepção dos alunos bem-sucedidos é diferente, pois, da autopercepção dos alunos malsucedidos na escola; tal diferença de percepções reflete possivelmente os padrões de experiências sociais anteriores relacionadas com a realização.

Esperava-se que os alunos com autoconceito positivo se sentassem nas carteiras da frente e que aqueles com autoconceito negativo procurassem as carteiras dos lados e as de trás. Entretanto, os resultados do presente estudo não indicaram uma relação significativa entre autoconceito e escolha do lugar de sentar, tendo sido, pois, refutada a hipótese de que os alunos que se sentam na frente têm um autoconceito mais positivo do que aqueles que se sentam nos lados e atrás.

Resultados de estudos realizados por Greene (1976) e Dykman & Reis (1978) sugerem que a distância física reflete distância psicológica e que existe relação entre distância interpessoal e tendências predisposicionais para sentimentos de vulnerabilidade. A hipótese do presente estudo é de que fosse encontrada uma relação entre autoconceito e escolha do lugar de sentar semelhante à relação encontrada por estes dois últimos pesquisadores.

Entretanto, alguns fatores observados em várias escolas, nas quais este estudo foi levado a efeito, talvez pudessem ajudar a explicar os resultados aqui encontrados. Especialmente na Ceilândia, local onde foi coletada parte dos dados, é grande o número de alunos repetentes, assim como é grande a diferença de idade entre os alunos. Naquela localidade, pode-se observar a presença de muitos estudantes repetentes, com até 16 anos de idade, que freqüentam classes juntamente com crianças de nove anos e bem pequenas. Naturalmente, um aluno com estatura elevada não poderia sentar-se numa carteira da frente, mas escolheu sentar-se atrás para não impedir a visão de crianças menores. Neste caso, mesmo que quisesse sentar-se na frente, não poderia fazê-lo, em razão das características físicas de outros colegas.

Também foi observado que alguns alunos com deficiências auditiva e visual escolhiam sentar-se na frente para ouvirem a professora e verem melhor o que fosse escrito no quadro, baseando-se a escolha do lugar de sentar em suas deficiências e não em seus reais interesses.

Observou-se ainda durante a coleta dos dados, tanto em escolas da Ceilândia como do Plano Piloto, que alguns alunos se sentiam tão "superiores" aos demais colegas que procuravam sentar-se, por livre escolha, mais isoladamente do

grupo, demonstrando com isso ser menos dependentes dos colegas e da professora, tentando enfrentar e resolver sozinhos os problemas que eventualmente surgissem em sala de aula. Também foi observado que alguns alunos, por seu próprio temperamento, procuravam isolar-se dos colegas, para não ajudá-los quando solicitados.

Estes fatores possivelmente explicam a não-confirmação da hipótese relativa à relação entre autoconceito e escolha do lugar de sentar.

Os resultados do presente estudo indicaram uma relação altamente significativa entre o autoconceito do aluno e a avaliação do professor quanto ao autoconceito desse mesmo aluno. Tais resultados sugerem que possivelmente o professor conhece bem os seus alunos e é capaz de avaliá-los quanto ao autoconceito, podendo-se concluir que o autoconceito pode ser estimado pela avaliação do professor.

Em face das diferenças sociais, econômicas e culturais entre sujeitos de nível sócio-econômico médio e baixo, esperava-se que os alunos deste último grupo apresentassem um autoconceito significativamente mais negativo do que os de nível sócio-econômico médio. Entretanto, os dados do presente estudo evidenciaram uma relação pouco significativa entre autoconceito e nível sócio-econômico.

Os resultados aqui obtidos são, no entanto, semelhantes aos que foram alcançados por Henein (1978) e Klass & Hodge (1978), que também não observaram uma relação significativa entre as duas variáveis. Uma explicação que poderia ser dada consistiria em que crianças podem desenvolver autoconceito positivo ou negativo, independentemente do seu nível sócio-econômico, uma vez que as experiências de sucesso ou fracasso podem ocorrer tanto em famílias de nível sócio-econômico médio como de nível sócio-econômico baixo.

Os resultados do presente estudo não evidenciaram também uma diferença significativa nos escores da escala de autoconceito entre sujeitos do sexo masculino e feminino. Com relação a este aspecto, uma revisão das pesquisas realizadas tem indicado resultados contraditórios. Enquanto Kelly (1978) e Putnan, Hosie & Hansen (1978) não encontraram diferenças no autoconceito entre sujeitos do sexo masculino e feminino, outros pesquisadores, como Alencar (1979), Dickstein & Posner (1978), Klass & Hodge (1978) e Schroer (1977), observaram diferenças significativas entre sujeitos do sexo masculino e feminino no seu autoconceito. Resultados tão discrepantes sugerem a necessidade de mais estudos na área, especialmente através do uso de outras metodologias para a coleta de dados. As pesquisas na área do autoconceito têm utilizado tradicionalmente escalas. Seria especialmente interessante que informações obtidas através do uso de escalas fossem complementadas utilizando-se outras metodologias, em particular observação do comportamento.

6. **Implicações educacionais**

Partindo do pressuposto de que o autoconceito se desenvolve e permanece aberto para revisão e mudanças, sugere-se aos professores, especialmente aos professores das primeiras séries do 1º grau, os quais têm uma influência maior na formação do aluno, que criem oportunidades na escola onde se possam incentivar na criança sentimentos positivos e construtivos a respeito de si mesma. É necessário que o professor não reforce uma imagem negativa de si mesmo pelo aluno. Para que isto se efetive, é necessário que o professor estimule também talentos

não acadêmicos, que se esforce para não criar em sala de aula um clima de ameaças e ansiedade e que dê a todos os alunos oportunidades de vivenciarem experiências de sucesso que são importantes para a formação de um autoconceito positivo.

Abstract

In this study low and middle class students were examined as to their self-concept and its relationship to academic achievement, choice of seating position in the classroom, as well as the teacher's evaluation of student's self-concept. The sample consisted of 500 fourth grade elementary students. A scale was used to evaluate the self-concept of the students. The teacher's evaluation of the student's self-concept was done on a questionnaire in which the teacher registered in column one the names of the students judged to have a positive self-concept, under column three the names of students judged to have a negative self-concept, and in column two the names of all other students not contained in columns one or three. The results indicated a significant relationship between self-concept, academic achievement, and the teacher's evaluation of the student's self-concept. There were no significant differences in self-concept based on the economic class or sex of the students. The possible explanations and implications of these results are discussed.

Referências bibliográficas

Alencar, E. M. L. S. Um estudo de adaptação de instrumentos para avaliação de atitudes de alunos com relação à escola, a si mesmo, relacionamento entre colegas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, 30*(4):27-43, 1978.

———. Atitudes de alunos com relação à escola, a si mesmo e aos colegas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, 31*(4):91-9, 1979.

Bernoud, T. & Cartron, A. Conception de soi. Désirs de changements et réussite scolaire chez l'enfant de 9 et 12 ans. *Bulletin de Psychologie, 4*(7):283-7, 1975.

Dickstein, E.B. & Posner, J.M. Self-esteem and relationship with parents. *The Journal of Genetic Psychology, 133*:273-6, 1978.

Dykman, B.M. & Reis, H.T. Personality correlates of class-room seating position. *Journal of Educational Psychology, 71*(3):346-54, 1978.

Gilly, M. L'élève en fonction de sa réussite scolaire: perception par le maître, par la mère et par l'élève lut même. *Enfance,* 3(4):199-234, 1968.

———; Lacour, M. & Meyer, R. Image propre, images sociales et statut escolaire: étude comparative chez des élèves de CM2. *Bulletin de Psychologie, 25*:792-806, 1972.

Greene, Les R. Body image boundaries and small groups seating arrangements. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 44*(2):244-9, 1976.

Henein, R.A. Self-concept as a predictor of academic achievement and educational attainment. *Psychological Abstracts International, 39*(6-A):3.471, 1978.

Kelly, H.M. Self-esteem as a correlate of the vocational attitude maturity of high school students. *Dissertation Abstracts International, 39*(4-A):2.066, 1978.

Klass, W.H. & Hodge, S.E. Self-esteem in open and traditional classrooms. *Journal of Educational Psychology, 70*(5):701-5, 1978.

Medeiros, M.F. Análise do sucesso e do fracasso escolar: um estudo exploratório como base para gerar hipóteses de pesquisa. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, 31*(4): 125-53, 1979.

Purkey, W.M. *Self-concept and school achievement.* Englewood Cliffs, N.J., Prentice-Hall, 1970.

Putnan, B.A.; Hosie, T.W. & Hansen, J.C. Sex differences in self-concept variables and vocational attitude maturity of adolescents. *The Journal of Experimental Education, 47*(1):23-7, 1978.

Reitzes, D.C. & Mutran, E. Influence of educational expectations and academic performance. *Sociology of Education, 53*(1):21-32, 1980.
Schroer, A.C.P. The effects of the career motivation process program on the self-concept of female and male college students. *Psychological Abstracts International, 38*(11-A):6.546, 1977.
Shiffler, N.; Lynch-Sauer, N. & Nadelman, L. Relationship between self-concept and classroom behavior in two informal elementary classrooms. *Journal of Educational Psychology, 69*(4):349-59, 1977.
White, W.F. & Yeatts, P. Self-concept correlates in academic placement of secondary school students. *Perceptual and Motor Skills, 46*(2):360-2, 1978.